

Boletim

Nº 2.063 - Ano 45 - 17 de junho de 2019

Pesquisa do DCC
analisa grau de
polarização política

Página 4

O DESPERTAR DO RIO DOCE

Estudo da UFMG e da Universidade Federal de Viçosa (UFV) vai subsidiar o reflorestamento de 40 mil hectares do Rio Doce, que foi fortemente impactado pelo rompimento da barragem da Samarco, em Bento Rodrigues, em 2015. Os dados levantados pelos pesquisadores também serão usados no planejamento do uso do solo de toda a bacia, estimulando novas vocações econômicas.

Página 5

Vista do Rio do Carmo, em Barra Longa, seguindo ao encontro do Rio Piranga, onde passa a ser chamado de Rio Doce

EDUCAÇÃO e PAZ

Marcos Fabrício Lopes da Silva*

A autonomia, sim; opressão, não! Todos pela educação. O conhecimento representa a luz do debate fundamental contra o obscurantismo do combate fundamentalista. Saber é usufruir do sabor múltiplo das experiências que confirmam a diversidade como valor essencial. Pensar significa abrir a janela de oportunidades para que chegue a todos nós o que houver de melhor. Sentir revela a manifestação do afeto por excelência. São as emoções que afirmam o compromisso do homem com a vida em plenitude, qualificando seu empenho racional com bases humildes e generosas. Pelas causas sociais, renovamos a esperança de que “outro mundo é possível”, viabilizando realizações solidárias que dignificam a existência humana e a participação construtiva da humanidade no processo de integração respeitosa entre as energias naturais e culturais.

Uma civilização do amor jamais será conquistada de espíritos belicistas. Já dizia o poeta Nathan Kacowicz, em “A pomba branca” (Azul, 1975): “a pomba branca / só voará / quando seu sangue for universal / a pomba branca / só cruzará espaços sem fronteiras / quando sair voando / do coração de cada um / a pomba branca / só pousará / quando todos os homens / formarem um só / quando todos os homens / se tornarem pombas”. Paz, desenvolvimento, direitos humanos e democracia são conceitos interdependentes, que devem ter sua aplicação no plano pedagógico. Sem qualidades e virtudes, sem o gosto pela vida, sem abertura ao novo, sem disponibilidade de mudança, sem persistência na luta, sem recusa aos fatalismos, sem identificação com a esperança, sem abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica-progressista.

A educação vai muito além do trabalho com o conhecimento científico e técnico. A escola é um lugar para se desenvolver atitudes e valores. O Brasil precisa de paz, harmonia, compreensão e diálogo. Não há possibilidade de alcançar conquistas fazendo fissuras. Para mudar a realidade, é preciso

sair das redes sociais e expressar o inconformismo nas ruas. Em várias partes do mundo, a democracia está ameaçada. Durante o século 20, os estudantes se mobilizaram e desencadearam muitas transformações. É alentador vê-los novamente nas ruas, nas avenidas e nas praças para lutar por um ideal relevante. Isso porque as redes sociais favorecem o que o psicólogo estadunidense Christopher Lasch (1932-1994) chamou de “eu mínimo”: a cultura do narcisismo, o culto ao consumo e às frivolidades.

Estamos vivendo em um mundo marcado pela ausência de projetos construtivos, que resulta em uma agenda do ódio. Por isso, é muito bom que os estudantes estejam mobilizados por meio da educação. Ela pressupõe o respeito às diferenças, a valorização da democracia, a consciência coletiva e a cultura da paz. Sou a favor das manifestações criativas, não das violentas. “Me armo de livros, me livro de armas”, registrou uma das manifestantes, em cartaz. Para concretizar o que parece utopia ou ilusão, é preciso ter o conhecimento como arma. É preciso reconhecer a importância de uma prateleira repleta de livros e de referências, é preciso valorizar os professores como verdadeiros mestres e capacitá-los para guiar os caminhos da aprendizagem da nossa melhor versão. Lutar pela educação é lutar pelo futuro de cada um, o que significa igualmente lutar pelo futuro do país. Esse é o caminho para se formar cidadãos imbuídos de consciência coletiva, mentores de projetos construtivos, guardiões de civilidade, generosidade, respeito à vida, ideais nobres e espírito de luta. O que se ensaia é uma frente ampla contra o atraso.

Em relação à violência, as políticas públicas têm demonstrado uma inclinação dos governos em aumentar o aparato policial. Não há como deixar de reconhecer que o problema da segurança pública no Brasil está entre os mais graves do mundo. Os números sobre a violência assustam. Segundo dados divulgados no *Atlas da violência 2018*, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica

Aplicada (Ipea) em colaboração com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios. Os problemas do país, porém, não serão resolvidos apenas com medidas para aumentar a proteção dos seus habitantes.

Educação não é apenas um direito de cada brasileiro, como diz a Constituição; é mais que isso, é o motor do progresso econômico e da justiça social; ter cada um de seus cérebros em escolas de qualidade é uma necessidade do Brasil. Educar é o desafio mundial para o século 21. Nada do que fizermos para recuperar economias, salvar florestas, acabar com a fome e a pobreza ou reduzir a violência dará certo se o investimento na educação não for a preocupação central em todas as nações. Não basta aumentar a quantidade de anos de estudo da população: é preciso oferecer uma educação com significado que prepare as pessoas para a vida, tanto no campo profissional quanto nos campos social e pessoal. Isso implica o quê? Desenvolver tanto os aspectos cognitivos da aprendizagem clássica quanto as habilidades e competências sociais e emocionais.

Educar para a paz é investir na formação de pessoas em uma lógica de construção. Educar para a solidariedade e a paz exige formação de uma consciência crítica e ação contextualizada, que vise à superação das situações injustas. A educação para a paz pressupõe formação comprometida com a vida, baseada no respeito à dignidade humana, na igualdade, na justiça e na fraternidade.

* Professor da Faculdade JK, no Distrito Federal. Jornalista, formado pelo UniCEUB. Poeta. Doutor e mestre em Estudos Literários pela UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

LAÇOS com o NORTE

Centro de estudos é lançado na UFMG com apoio da diplomacia dos EUA e do Canadá

Itamar Rigueira Jr.

“Vimos a uma cooperação de mão dupla, a uma parceria solidária que contribua para o desenvolvimento de nossos países, por meio do compartilhamento do conhecimento produzido em nossas universidades”, afirmou a reitora Sandra Regina Goulart Almeida, no lançamento do Centro de Estudos Norte-americanos (Cena), no último dia 10. O evento contou com a presença de representantes das embaixadas do Canadá e dos Estados Unidos, dirigentes e professores da UFMG.

O novo centro vai promover novas pesquisas conjuntas e intensificar ações de intercâmbio, além de facilitar o contato entre pesquisadores, instituições, empresas, ONGs e agências de fomento. A coordenação é do professor Aristóteles de Góes Neto, do Instituto de Ciências Biológicas, e as ações serão orientadas por conselho composto de professores de diferentes áreas.

Segundo Sandra Almeida, o Cena, assim como os outros centros sediados na UFMG – dedicados a estudos africanos, europeus, indianos, latino-americanos e sobre a Ásia Oriental –, tem a missão de estimular a reflexão transdisciplinar e o pensamento crítico sobre os aspectos mais relevantes da região.

A reitora acrescentou que a iniciativa enfatiza a importância das relações internacionais no contexto da educação. A postura dos governos canadense e americano com

relação ao ensino e à pesquisa é exemplo claro, segundo ela, da diferença que faz a participação do poder público. “Os melhores resultados obtidos pelas universidades brasileiras se devem, em grande parte, a políticas imprescindíveis implementadas pelos governos no âmbito federal. O Brasil é um dos países em que o impacto do ensino superior na vida das pessoas é mais significativo”, afirmou Sandra Almeida, que lembrou seus vínculos pessoais e acadêmicos com o Canadá e os Estados Unidos.

‘Parceira incrível’

O Cena conta com o apoio das representações diplomáticas do Canadá e dos Estados Unidos no Brasil. O conselheiro para Assuntos de Cultura, Educação e Imprensa da Embaixada dos EUA no Brasil, Erik Holm-Olsen, destacou a “excelente oportunidade de aumentar o entendimento entre os países, que é prioridade para os Estados Unidos, e estreitar os laços entre pessoas e comunidades acadêmicas”. Holm-Olsen afirmou que a UFMG tem sido “uma parceira incrível” e empenhou o suporte da Embaixada às ações do novo centro.

O comissário de comércio do Consulado do Canadá em Belo Horizonte, Franz Brandenberger, enfatizou que o país tem forte interesse em incrementar o quadro de relações com instituições como a UFMG.

“Hoje, são 15 as universidades que mantêm acordos com a UFMG, o que significa que há grande potencial de expansão”, disse Brandenberger.

Diretor do Departamento para os Estados Unidos do Itamaraty, o embaixador Benoni Belli manifestou convicção de que o Centro de Estudos Norte-americanos vai contribuir para criar e fortalecer conexões. “A nova geopolítica do conhecimento exige a participação em redes globais que possibilitam aumentar o poder de influência internacional. Os países se afirmam por meio da produção do conhecimento, e as pesquisas geram desenvolvimento econômico e bem-estar para as populações”, lembrou.

O diretor de Relações Internacionais, Aziz Tuffi Saliba, destacou que a criação do Cena preenche lacuna importante no cenário dos centros de estudos regionais da UFMG. “O Canadá e os Estados Unidos têm relevo indiscutível sob qualquer parâmetro de análise, e suas universidades povoam a parte superior de diferentes rankings internacionais”, disse Saliba. “O Centro terá papel decisivo não apenas para promover estudos e consolidar as relações, mas também para buscar novas frentes de pesquisa”, acrescentou.

Números

Segundo dados da Diretoria de Relações Internacionais, estão em vigor 57 acordos de cooperação entre a UFMG e instituições do Canadá e dos Estados Unidos; nesse quesito, os EUA ocupam a quarta posição entre os principais parceiros, e o Canadá, a 14ª. Quanto aos estágios doutorais, os EUA são o primeiro destino dos pesquisadores da UFMG, e o Canadá é o 4º. Desde 2013, foram publicados mais de três mil artigos coproduzidos por pesquisadores da UFMG e de instituições americanas e canadenses. Está prevista para breve a chegada do primeiro pesquisador americano vinculado à Cátedra Fulbright.

[Matéria publicada no Portal UFMG em 10/06/2017]



Lançamento do Cena reuniu dirigentes da UFMG e diplomatas na Sala de Sessões do prédio da Reitoria

CÂMARAS de ECO

Pesquisadora do DCC analisou grau de polarização para deputados federais e para o público geral, verificando votações na Câmara e postagens nas redes

Itamar Rigueira Jr.

O debate político tem sido travado, em grande parte, nas redes sociais. Em razão da possibilidade de o usuário criar filtros para bloquear pessoas e informações indesejadas, essas redes contribuem para a formação das chamadas câmaras de eco, em que o indivíduo visualiza opiniões com as quais se identifica e discute com pessoas que têm ideias similares às suas.

Segundo pesquisa realizada no Departamento de Ciência da Computação (DCC) da UFMG, as câmaras de eco podem ter impacto significativo no fenômeno de polarização política entre os brasileiros nas redes sociais. “Encontramos grupos ideologicamente opostos e bem definidos, com pouca variação no volume de pessoas em cada um dos lados, ao longo do tempo. Isso indica que a maioria dos brasileiros está consumindo, disseminando e discutindo ideias semelhantes às próprias nas mídias sociais on-line, e o espaço para posições alternativas é pouco ou nenhum”, afirma a engenheira de computação Roberta Coeli Neves Moreira, que defendeu sua dissertação de mestrado no início deste ano.

Roberta analisou a polarização dos deputados federais nas votações na Câmara e a do público em postagens no Twitter. Segundo ela, para o público geral foram registrados altos valores de polarização durante todo o ano de 2016, mais altos que os dos parlamentares em todos os meses. Entre os deputados, a polarização aumentou após dezembro de 2015, quando a Câmara acatou o processo de impeachment contra a ex-presidente Dilma Rousseff.

“Observamos que, no caso dos deputados, a polarização foi mais influenciada pelos níveis de divergência entre as opiniões centrais dos grupos de ideologias opostas. Por outro lado, as pequenas variações nos valores da polarização do público estão relacionadas à diferença no tamanho dos grupos de opiniões contrárias”, comenta a pesquisadora.

Método para textos curtos

Roberta Moreira usou algoritmos para analisar postagens de deputados federais com contas ativas no Twitter. A base de dados inclui 502.342 tuítes de 423 parlamentares (82,5% dos membros da Câmara), compartilhados entre janeiro de 2015 e novembro de 2016. A metodologia identificou 50 tópicos discutidos ao longo de 23 meses. A crise política e as atividades dos parlamentares na Câmara foram os assuntos mais prevalentes; termos como *Lula*, *gol=pe* e *impeachment* foram muito relevantes em meses determinados, de acordo com o desenrolar dos acontecimentos.

“Constatamos que é possível automatizar o processo de extração de tópicos de uma grande coleção de documentos, encontrando os assuntos mais relevantes e palavras de destaque. Os métodos se mostraram eficazes para textos curtos como os tuítes, que constituem um desafio para a análise computacional devido à sua informalidade e à quantidade limitada de palavras”, explica Roberta.

A pesquisa também deteve-se em quantificar as polaridades (posições dos indivíduos acerca de um tema) e a polarização (presença simultânea de ideias contrastantes em um grupo) dos cidadãos no Twitter e dos deputados nas votações. A polarização é tão maior quanto maior for a divergência de ideias e maior a diferença entre os tamanhos dos grupos de ideias opostas.

No caso dos políticos, a polaridade foi medida pela posição em relação à orientação de bancada do PT, partido da ex-presidente. As diferenças entre os grupos ficaram mais evidentes a partir de dezembro de 2015.

“Isso sugere que o impeachment dividiu os parlamentares, aumentando a polarização”, diz Roberta Moreira. “É provável que o impedimento de Dilma tenha provocado mudanças nas alianças: deputados politicamente mais à esquerda se aproximaram ainda mais do PT, e aqueles mais à direita adotaram comportamento ainda mais divergente nas votações.” Para essa parte da pesquisa, Roberta reuniu dados sobre 225 votações, com votos de 471 parlamentares (91,8% dos membros da Câmara).

80 milhões de tuítes

A análise da polarização entre os cidadãos descobriu dois grupos bem definidos de polaridades distintas, o que resultou em valor de polarização elevado ao longo de todo o período. Isso se concretizou, por exemplo, por meio das manifestações contrárias e favoráveis ao governo de Dilma Rousseff. Por meio do serviço Twitter Stream API, que dá acesso a postagens em tempo real, de acordo com palavras-chave ou hashtags previamente definidas, ela partiu de 80,4 milhões de tuítes, de cerca de 3,3 milhões de usuários. Essa base foi refinada, e a rede analisada somou perto de 700 mil usuários.

Um dos objetivos da pesquisa de Roberta Coeli Moreira foi investigar possíveis associações entre dados reais e de redes sociais, especificamente por meio da comparação da polarização dos deputados (votações na Câmara) com a do público no Twitter. Os resultados da análise qualitativa mostram, segundo Roberta, que a polarização entre as pessoas nas redes foi mais elevada que entre os políticos. Para o público geral, o processo foi mais relacionado ao número de indivíduos que mudou de opinião. No caso dos parlamentares, o impacto maior foi causado pela diferença no grau de divergências das opiniões ao longo do tempo.

Dissertação: *Polarização política e o impeachment de 2016: uma análise de dados reais e de mídias sociais*

Autora: Roberta Coeli Neves Moreira

Orientadora: Gisele Lobo Pappa

Coorientador: Pedro Olmo Stancioli Vaz de Melo

Defesa: fevereiro de 2016, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação

VIDA nova ao Rio DOCE

UFMG e UFV desenvolvem estudo que vai fundamentar programa de reflorestamento da bacia afetada pelo rompimento da barragem em Mariana e estimular novas vocações econômicas

Teresa Sanches

Estudo desenvolvido pela UFMG e pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) vai subsidiar o maior programa de reflorestamento já realizado em uma bacia hidrográfica. Nos próximos dez anos, estima-se que 40 mil hectares da Bacia do Rio Doce estarão reflorestados. Mais que buscar resposta a uma questão pontual, as universidades somaram suas expertises e produziram vasto conjunto de informações que poderão auxiliar o planejamento do uso do solo de toda a bacia, o que proporcionará ganhos sociais e econômicos, conforme a vocação da região.

O programa será implantado pela Fundação Renova, criada por meio do Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta firmado entre a Samarco, subsidiária da Vale e BHP Billiton, e vários órgãos dos governos federal e dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, após rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, em novembro de 2015.

O reflorestamento da área, que corresponde ao entorno dos rios tributários do rio Doce, não atingidos diretamente pela lama, é uma das ações para mitigar o estrago causado pelos 39,2 milhões de metros cúbicos de rejeito de minério, que devastaram a bacia em um trajeto de 670 quilômetros – desde o Rio Gualaxo do Norte, no município de Mariana, até o oceano, em Regência, Espírito Santo.

Segundo o professor do Departamento de Engenharia de Produção Raoni Rajão, coordenador do estudo pela UFMG, o objetivo principal da parceria é subsidiar o reflorestamento, para que essas áreas melhorem seus serviços ecossistêmicos, principalmente os relacionados à água. “É importante observar que, mesmo sem sofrer impacto direto da lama, essas áreas já registram um histórico de degradação ambiental muito severo. Por isso, com base em análise pormenorizada dos espaços, indicamos os elementos da paisagem que impõem limites físicos e os que possibilitam diferentes formas de restauração, para que os rios tributários voltem a alimentar o rio Doce com água de qualidade”, afirma.

“A expertise da UFMG, somada à da UFV, especialmente na área agrícola, trouxe um potencial diferenciado para esse estudo, porque, além do ganho ambiental, identificamos as áreas mais vulneráveis

social e economicamente, para receber investimentos de R\$ 1,2 bilhão, destinados pela Renova”, afirma Rajão, que coordenou o estudo com os professores Silvio Bueno Pereira, já falecido, e José Ambrósio Ferreira Neto, ambos da UFV. Integraram a equipe pesquisadores do Laboratório de Gestão de Serviços Ambientais (Lagesa) e do Centro de Sensoriamento Remoto (CSR) da UFMG, assim como dos departamentos de Engenharia Agrícola, de Solos, Nutrição de Plantas e de Economia Rural da UFV.

Emprego e renda

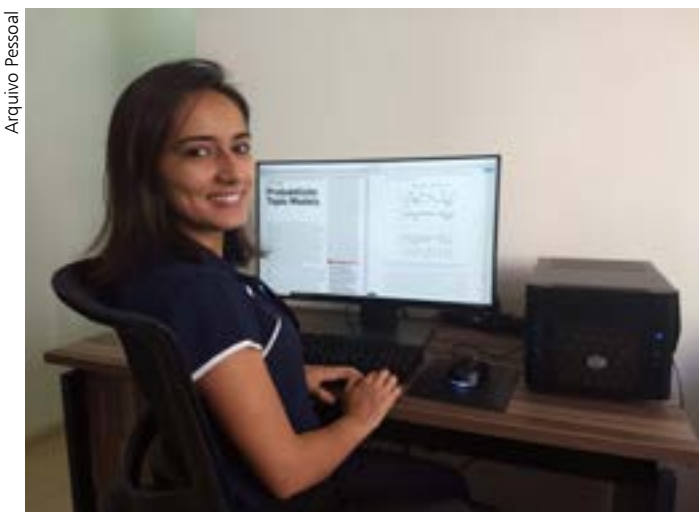
Para determinar a vulnerabilidade, os pesquisadores analisaram diversos elementos, como a presença de negros ou de idosos de uma comunidade, o número de pessoas com dificuldades para entrar no mercado de trabalho, a renda per capita e as condições de saneamento. “O investimento pode gerar emprego e renda para a população local, por meio de atividades como plantio de mudas, construção de cercas e viveiros, ou mesmo pela produção agroflorestal”, exemplifica Raoni Rajão.

A definição da vocação produtiva regional é outra inovação do estudo, que vai além da indicação da viabilidade biofísica e as diferentes alternativas de restauração, como a possibilidade de conciliar regeneração natural com plantio em áreas recém-desmatadas. Esse aspecto foi embasado pelo modelo desenvolvido e publicado em artigo liderado pelo doutor Felipe Nunes em co-autoria com os professores Raoni Rajão e Britaldo Soares-Filho, na revista *Environmental Research Letters* (<https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/aa6658>).

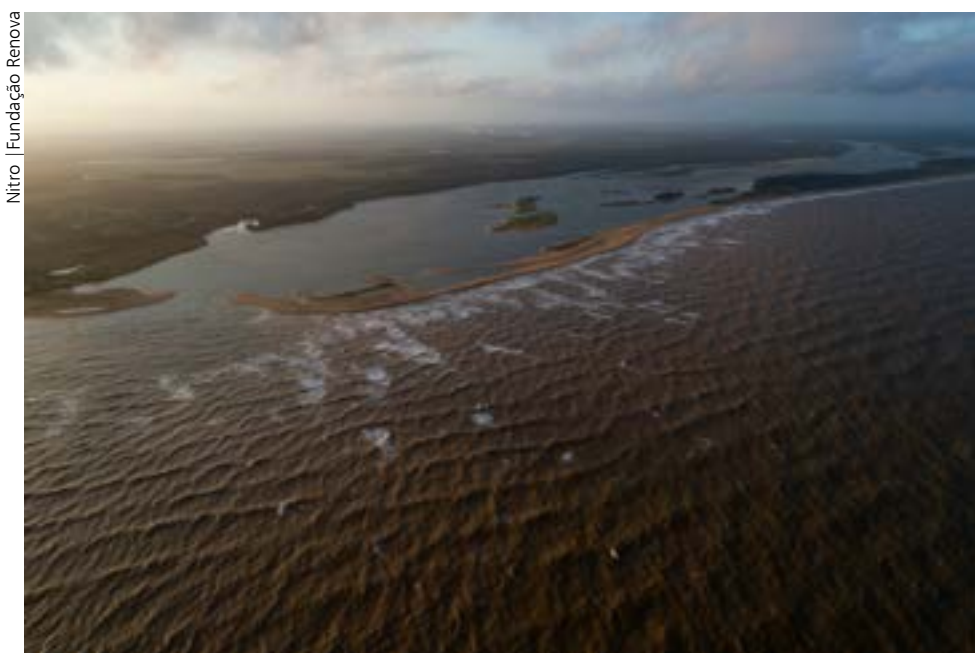
“Como a Bacia do Doce é tradicionalmente leiteira, mas vem registrando prejuízos há décadas, propusemos ouvir os produtores locais para identificar quais deles estariam mais abertos à diversificação da produção por meio da agrofloresta [restauração pela produção de alimentos]”, lembra Rajão.

Na avaliação do pesquisador, o principal desafio do programa de reflorestamento está na pauta de discussão nacional sobre a regulamentação do Código Florestal, que tem a restauração como elemento-chave. Rajão afirma que as propostas elencadas pelas universidades, e amplamente debatidas com a população e órgãos governamentais, vão ao encontro da ideia de facilitar a regularização ambiental, especialmente das pequenas propriedades rurais. “A situação econômica desvantajosa dos produtores não os exime das obrigações que a legislação lhes atribui. Mas é necessário oferecer suporte científico e indicar caminhos e alternativas para que essa responsabilidade seja cumprida”, defende Raoni Rajão.

De acordo com a Fundação Renova, será aberto, no segundo semestre, edital para receber propostas de restauração das áreas escalonadas como prioritárias, sendo 1 mil hectares nas bacias dos rios Guandu (municípios de Laranja da Terra e Baixo Guandu) e Manhuaçu (Mutum e Lajinha), 500 hectares no território indígena Krenak e 280 hectares em quatro assentamentos na bacia.



Roberta Coeli: grupos opostos e ideologicamente bem definidos



Lama da barragem chegou à foz do Rio Doce, em Regência, no Espírito Santo

PREVENÇÃO COMBINADA

Medicina recruta jovens de 15 a 19 anos para testar novo medicamento contra o HIV

Karla Scarmigliat*

Pesquisa da Faculdade de Medicina sobre a Profilaxia Pré-exposição ao HIV (PrEP) terá nova etapa. Após comprovada sua eficiência na prevenção ao HIV em adultos, o medicamento também será testado em jovens de 15 a 19 anos, que são mais vulneráveis à infecção pelo vírus. Para a nova etapa do estudo, os pesquisadores estão recrutando participantes nessa faixa etária, sobretudo homens que fazem sexo com outros homens, gays e mulheres trans.

O objetivo é certificar a aceitabilidade e implicações da PrEP entre os jovens. Em dez anos, o índice de detecção de aids quase triplicou na faixa etária de 15 a 19 anos. De acordo com o Ministério da Saúde, os casos saltaram de 2,4 por 100 mil habitantes, em 2006, para 6,7, em 2016. “Queremos entender, de forma mais sistemática, se esse grupo vai aderir à PrEP, se o número de novas infecções será reduzido, se esses jovens continuarão a usar outros métodos preventivos para as demais infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e descobrir quais são os efeitos colaterais”, explica o professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG Unai Tupinambás, um dos coordenadores da pesquisa.

Os resultados da pesquisa deverão subsidiar a formulação de políticas públicas para essa faixa etária e para a expansão da oferta do medicamento, atualmente disponibilizado para pessoas acima de 18 anos com risco acrescido da infecção pelo HIV. De acordo com o professor Unai, o objetivo é recrutar 200 jovens até o fim de novembro. Os voluntários serão acompanhados no Centro de Referência da Juventude de Belo Horizonte.

PrEP HIV

Um comprimido que deve ser tomado diariamente para proteger contra a infecção pelo HIV, combinado com outros métodos preventivos.

EFICÁCIA: 95% em adultos.

QUEM PODE USAR? Prescrita sobretudo para homens que fazem sexo com homens, gays, pessoas trans, entre outros.

Em Belo Horizonte, o medicamento é fornecido no CTR-DIP Orestes Diniz do Hospital das Clínicas da UFMG, para os participantes acompanhados inicialmente pela pesquisa.

CCS | Medicina

Em adultos, o estudo realizado pela Faculdade de Medicina da UFMG comprovou a eficácia de 95% para a prevenção do HIV. Com isso, a PrEP passou a ser disponibilizada pelo SUS para algumas populações prioritárias. O medicamento deve ser usado diariamente e tem efeito protetivo após o sétimo dia de uso em relações anais e após 20 dias em relações vaginais. “Gosto de fazer um paralelo com o uso de anticoncepcionais, que, para ter eficácia garantida, precisa ser regular. Esse método é chamado de prevenção combinada: a pessoa deve associá-lo a outros métodos, pois ele não é suficiente para proteger contra outras infecções sexualmente transmissíveis”, esclarece Unai Tupinambás.

Abordagem

Uma equipe de educadores fará a abordagem dessa população em ambientes comuns de socialização. Os participantes também são indicados por pessoas que já

conhecem o programa ou aderem espontaneamente a ele. Outra via é a interação com o aplicativo desenvolvido exclusivamente para o projeto (Amanda Selfie).

No primeiro momento, é feita uma triagem com os interessados, que recebem informações sobre a pesquisa, respondem a um questionário-entrevista elaborado pela equipe psicossocial e realizam exames laboratoriais para ISTs. Os voluntários que optarem pelo medicamento iniciam o uso da PrEP, retornam em 30 dias para o acompanhamento e depois a cada três meses.

Os jovens que não quiserem fazer uso do medicamento são encaminhados para o segmento não PrEP da pesquisa, por meio do qual recebem orientações, participam de rodas de conversas, distribuição de preservativos e testagem rápida de HIV, entre outras atividades. O voluntário pode se desligar da pesquisa a qualquer momento.

Além do professor Unai, coordena a pesquisa o professor aposentado do Departamento de Clínica da Faculdade de Medicina Dirceu Greco, membro do Comitê Internacional de Bioética do Unesco-Paris. A nova etapa do estudo também está sendo realizada na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com financiamento do Ministério da Saúde e da Unids – órgão da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Os interessados em participar devem entrar em contato pelo telefone (31) 99726-9307 para agendar uma entrevista.

*Jornalista da Faculdade de Medicina



Unai Tupinambás: resultados da pesquisa vão subsidiar políticas para expansão da profilaxia

Acontece

MEMÓRIA SENSÍVEL

A memória da comunidade de Bento Rodrigues, subdistrito atingido pelo rompimento da barragem do Fundão em 2015, tornou-se referência para compreender a ideia de crime ambiental no Brasil. Pesquisadores da Escola de Arquitetura da UFMG desenvolveram, ao longo de três anos, estudo que resultou em dossiê que contribuirá para o tombamento de Bento Rodrigues como sítio de memória sensível.

A iniciativa, coordenada pelo professor Leonardo Castriota, é baseada na ideia de que o valor de um patrimônio não deve estar vinculado apenas à sua materialidade e a situações felizes. É importante também preservar as memórias decorrentes de acontecimentos traumáticos. A produção do dossiê envolveu cerca de 30 pesquisadores – alunos de pós-graduação de diferentes cursos – e a população de Bento Rodrigues. O documento reúne mais de 400 páginas com fotos, depoimentos, dados e análises e foi entregue, em maio, ao Ministério Público de Minas Gerais.

A TV UFMG produziu vídeo sobre o dossiê, que pode ser assistido em seu canal no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=82PqYHJAK-E>.

ESCRITA DIGITAL E ALFABETIZAÇÃO

Na terça-feira, 25 de junho, a série Ceale Debate vai receber a professora da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG Mônica Daisy Vieira Araújo, que abordará o tema *Cultura escrita digital em sala de aula de alfabetização*. A apresentação será das 19h30 às 21h30, no Auditório Neidson Rodrigues, da FaE.

Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita Digital, do Ceale, Mônica Araújo vai discutir os efeitos que a cultura escrita digital, por meio das diversas ferramentas, ambientes, gêneros e mídias, promove no processo de apropriação do sistema de escrita alfabético, com o objetivo de auxiliar professores a vislumbrar ações pedagógicas que contemplem seus usos em sala de aula de forma a envolver as crianças em práticas de leitura e escrita.

As inscrições, gratuitas, devem ser feitas pelo formulário disponível em <http://bit.ly/cealedebate25-06-19>. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail cealedebate@gmail.com e pelo telefone (31) 3409-5334.

ÁRVORES DO MUSEU

Espécies simbólicas da Mata Atlântica, como o pau-brasil, o ipê-branco (foto), o mogno e a sapucaia, estão descritas no livro *50 árvores do Museu*. A publicação integra as comemorações do cinquentenário do Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) da UFMG.

A obra foi concebida para contribuir com pesquisas em botânica, servir a consultas durante as visitas ao Museu e dar visibilidade à diversidade da instituição. O volume foi produzido em colaboração com o professor João Renato Stehmann, do Departamento de Botânica do ICB, e com a bolsista Thamyris Bragioni.

O MHNJB tem cerca de 500 espécies catalogadas. Para o livro, foram selecionadas as de mais fácil identificação. O volume reúne informações como características físicas, nome científico, curiosidades e as prováveis aplicações medicinais das espécies. A versão digital será disponibilizada gratuitamente no Portal do Museu (<https://www.ufmg.br/mhnjb/>).



Reprodução

MOBILIDADE NACIONAL

Os alunos de graduação que participarem do programa de Mobilidade Acadêmica Nacional da Andifes ou Mobilidade Intercampi, no segundo semestre de 2019, podem se candidatar a bolsas. As inscrições serão efetuadas de 24 de junho a 5 de julho (até as 17h). As bolsas terão duração de um semestre letivo, e o valor equivale à soma do auxílio-manutenção e do auxílio-deslocamento.

O programa da Andifes possibilita que os estudantes das universidades públicas federais desenvolvam seus estudos em regime de intercâmbio. Os interessados devem escolher uma instituição entre as conveniadas, que também influenciam no processo de seleção dos estudantes. O Intercampi, por sua vez, dá oportunidade aos alunos do campus da UFMG em Montes Claros de estudar em Belo Horizonte, e vice-versa.

Outras informações estão disponíveis no edital (<https://bit.ly/2RcgJjV>) e no site da Prograd (<https://bit.ly/2KKY4KK>). Também podem ser obtidas pelos telefones 3409-4438 e 3409-4565.

MOBILIDADE INTERNACIONAL

A UFMG abriu processo seletivo para os Programas de Mobilidade Acadêmica Internacional. O edital (<https://bit.ly/2KJFFHN>) concentra oportunidades oferecidas pelos programas Minas Mundi, Escala Estudantil da Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM), Programa de Mobilidade Regional para Cursos Acreditados (Marca) e Santander Ibero-americana. Outras ofertas podem surgir com validade e abrangência para 2020.

As inscrições devem ser realizadas até 30 de junho no portal Minha UFMG (link Programas de Mobilidade Internacional da DRI – UFMG).

ONE-DAY CONFERENCE

Os professores Robert Cowen, emérito do Instituto de Educação da Universidade de Londres (Inglaterra), e Thomas Popkewitz, da Universidade de Wisconsin-Madison (EUA), são os convidados do programa One-Day Conference, que será realizado no dia 26 de junho, na Faculdade de Educação.

Cowen, que também é pesquisador sênior da Universidade de Oxford, vai discutir a qualidade da educação na perspectiva da educação comparada, enfatizando os critérios para definição dos parâmetros de qualidade e as repercussões no cotidiano escolar. Popkewitz vai tratar da questão dos currículos, problematizando a influência do processo de ensino no contexto da escola.

As conferências serão em língua inglesa, com tradução. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas em <http://gestrado.net.br/?pg=eventos>. Haverá emissão de certificados. Outras informações podem ser solicitadas pelo telefone (31) 3409-6372.

MEMÓRIA poética da COLÔMBIA NEGRA

Obra coeditada por professora da Fale divulga trabalhos de escritores afrocolombianos

Renata Valentim

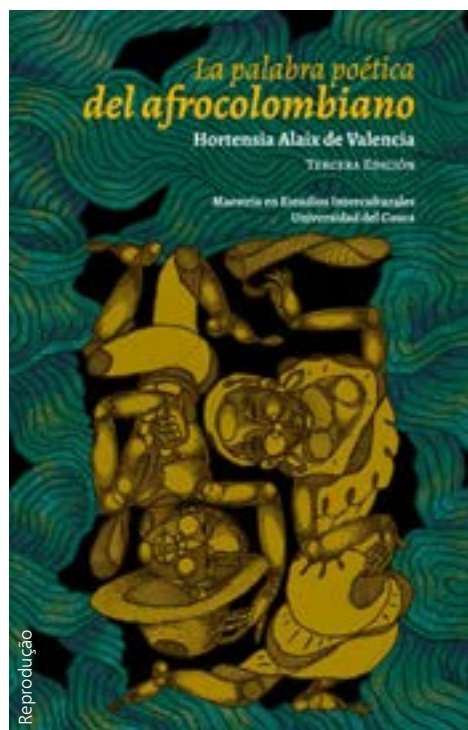
Resultado de trabalho conjunto realizado pela professora Sônia Queiroz, da Faculdade de Letras da UFMG, e por Elizabeth Castillo Gusmán, docente do mestrado em Estudos Interculturais da Universidade de Cauca, na Colômbia, o livro *La palabra poética del afrocolombiano* ganha em 2019 uma terceira edição. A obra, publicada originalmente em 2001, foi a primeira antologia totalmente dedicada à poesia afrocolombiana editada em livro, por iniciativa de Hortensia Alaix de Valencia. O lançamento ocorreu em maio deste ano na Universidade de Cauca, em Popayán, na Colômbia, como parte da programação da quinta jornada da Cátedra Afrocolombiana *Empoderar al pueblo afrocolombiano: experiencias y agendas del siglo XXI*.

Segundo Sônia Queiroz, a publicação da nova edição da antologia é uma homenagem à professora Hortensia, pioneira no estudo da literatura afrocolombiana. Licenciada em Literatura e Língua Espanhola e professora titular da Universidade de Cauca, Hortensia de Valencia foi a vencedora, em 1994, do prêmio do Instituto Colombiano de Cultura – hoje Ministério da Cultura – pelo livro *Literatura popular: tradición oral em la localidad de El Patía* e desenvolveu diversos estudos sobre a oralidade das comunidades negras da Colômbia.

A seleção organizada por Hortensia reúne trabalhos de 13 poetas e um ensaio assinado por ela, em que traça os caminhos da poética afrocolombiana a partir do século 19 até os dias de hoje. A apresentação é do escritor e pesquisador negro Manuel Zapata Olivella. Figuram na coletânea poemas de Jorge Artel, Helcías Martán Góngora, Hugo Salazar Valdés, Alfredo Vanín, Oscar Maturana, Miguel Caicedo, Guillermo Portocarrero Segura, María Teresa Ramírez, Mary Grueso Romero,

Juan Zapata Olivella, Edelma Zapata Pérez, Guillermo Payán Archer e Natanael Díaz.

O passado ancestral, a conexão com o continente africano, a temática da religiosidade, o canto ao amor, à paisagem e aos acontecimentos da vida cotidiana estão entre as particularidades temáticas da poesia afrocolombiana, como afirma Hortensia no prólogo do livro. Outro elemento importante



é a influência da tradição oral, identificada nos traços estéticos dos poemas: “Cada uma das vozes da tradição oral se ampara nas realidades espaciais, como o mar, os rios e estuários, a mina e o campo; em outras realidades chamadas temporais, como o dia e a noite, a aurora e o crepúsculo, o passado e o presente; e finalmente nas expressões

culturais como o canto e a dança, que, no interior do grupo, os mantêm unidos”, escreve Hortensia.

Cooperação

À equipe de Sônia Queiroz couberam os trabalhos de digitalização e revisão do texto com base na segunda edição da antologia, feita em 2003 pela Univalle, em Cali. A nova edição também contou com a participação da professora Laura Sandoval Sarmiento, da Faculdade de Artes da Unicauca, responsável pelo projeto gráfico e por coordenar os processos de diagramação e ilustração. O trabalho conjunto é parte das atividades da Rede Latino-americana de Cultura Gráfica, cujo objetivo é ampliar a circulação da produção relacionada ao patrimônio gráfico dos países da região. Além do Brasil e da Colômbia, o grupo reúne pesquisadores de outros nove países: Chile, Argentina, Uruguai, Cuba, Paraguai, Peru, México, Venezuela e Equador.

Desta edição comemorativa, três exemplares foram encadernados à mão por estudantes do curso de Edição, no Laboratório de Conservação-Restauração de Documentos Gráficos e Fílmicos da Escola de Belas Artes da UFMG, com supervisão da professora Ana Utsch.

Livro: *La palabra poética del afrocolombiano* (3ª edição)

Organizadora: Hortensia Alaix de Valencia

Coordenação editorial: Sônia Queiroz (UFMG) e Elizabeth Castillo Gusmán (Unicauca)

Edição: mestrado em Estudos Interculturais (Unicauca)